



CULTURA POPULAR: *Disputas pela narrativa e ressignificação da identidade*

Maria Carolina Conceição Brito¹

Narrar uma trajetória que conte as experiências do povo negro de forma diferente da que foi perpetuada ao longo dos anos, que trás apenas as histórias dos escravizados, da fome, da miséria e da violência é essencial para a construção de uma mentalidade que enxergue - e aceite - esses corpos em lugares diferentes. Descolonizar a história exige um protagonismo dos povos colonizados que durante séculos foram vistos como objetos de estudo a serem analisados, assimilados ou mortos, e não como produtores autônomos de conhecimento. As práticas de violência epistêmicas, Sueli Carneiro define como a morte do Outro em vida, são lineares, de forma que questionam e negam tanto a produção de conhecimento, como as práticas culturais. O dispositivo, segundo a autora, opera produzindo diferentes formas de extermínio, controlando os saberes a partir de perspectivas raciais (CARNEIRO, 2005). Esses processos de produção da inferioridade intelectual operam ainda na infância destruindo a autoestima da criança negra, seja por meio da sutileza dos teóricos do humanismo clássico, seja pelas violências do Estado que institucionaliza o racismo. Como criar uma identidade positiva a partir de uma história que só conta miséria?

Nas sociedades marcadas pela segregação racial, onde, de acordo com Lélia Gonzalez (1988) é praticado o racismo por denegação, a cultura de periferia como o hip-hop, o funk e o samba, emergem criando “territórios sonoros” que tem a ver com a disputa por contranarrativas negras (HALL,2003). Hall defende que a cultura é um lugar de poder simbólico onde acontecem transformações (p.211), segundo ele, esses movimentos se estruturam nas tensões entre o que é da elite (não popular) e o que é da periferia (popular). São movimentos culturais que por surgirem dentro da periferia possibilitam a criação de identidades em grupos e de identidades territoriais. Mas, devido a origem sofreram e sofrem

¹ Maria Carolina Conceição Brito, Dione Moura, Faculdade de Comunicação, mariacarolinacbrito@gmail.com



tentativas de criminalização, como ocorreu com o funk, por exemplo, que passou a ser enquadrado pelos meios de comunicação como “caso de polícia” a partir dos anos 1990, quando a juventude da periferia passou a ser representada como perigosa.

Helena Theodoro Lopes (1987) diz que os meios de comunicação influenciaram historicamente os impactos na produção cultural, é preciso fazer uma análise crítica da indústria cultural que a mídia impõe, uma vez que esses insumos partem de valores determinados pelas classes dirigentes e apagam o pluralismo cultural das regiões do país. É importante dar destaque às produções contra-hegemônicas, que são a voz de segmentos populacionais que formam um “universo alternativo” na sociedade. Pretendo mostrar como a partir da articulação desses agentes culturais a identidade cultural é utilizada pela periferia como ferramenta de oposição ao discurso que a mídia construiu historicamente em torno desses lugares. Este será meu projeto de conclusão de curso e está em fase inicial, gostaria de participar da Jornada de Pesquisa em Comunicação para melhor estruturar a minha pesquisa.

Palavras-chave: 1. Periferia; 2. Cultura; 3. Hip-hop; 4. Rap; 5. Identidade

Referências

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HALL. Stuart Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 4M p. (Humanitas).

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção Do Outro Como Não-ser Como Fundamento Do Ser. 2005. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2005.

BAUM, Matthew A. Soft news and foreign policy: how expanding the audience changes the policies. *Japanese Journal of Political Science*. 8 (1), 2006. p. 115-145.



LOPES, Helena Theodoro. Negro e cultura no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira/
Helena Theodoro Lopes, José Jorge siqueira, Maria Beatriz Nascimento. - Rio de Janeiro:
Unibrae/Unesco, 1987